

MARCUS SAKEY
**UM MUNDO
MELHOR**
VOLUME 2

Tradução
André Gordinho

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Sakey, Marcus
S152u Um mundo melhor / Marcus Sakey; tradução de André Gordirro. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2016.
(Brilhantes; 2)

Tradução de: A better world
ISBN 978-85-01-07159-0

1. Ficção americana. I. Gordirro, André. II. Título. III. Série.

16-31225

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original:
A better world

Copyright © 2014 Marcus Sakey

Publicado originalmente por Thomas & Mercer

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou
em parte, através de quaisquer meios.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Composição de miolo: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORIA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-07159-0

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Para meu pai, que me mostrou o que significa ser um homem.

O líquido frio em seu rosto fez Kevin Temple recuperar os sentidos.

Ele passou a noite inteira na estrada, levando um carregamento de verduras frescas para uma entrega especial, saindo de Indiana. Quinze minutos depois de deixar o depósito em Cleveland, Kevin sentiu aquela sensação ruim de café em excesso misturado com carne seca em excesso. O que ele queria mesmo era um cheeseburger duplo, mas, embora não fosse surpresa para ninguém ver um caminhoneiro ganhar uma pança, Kevin sentia orgulho de, aos 39 anos, pesar apenas cinco quilos a mais do que na época do ensino médio.

Quando as sirenes iluminaram a escuridão atrás dele, Kevin tomou um susto, depois praguejou. Ele devia ter cochilado ou metido o pé no acelerador — mas não, o velocímetro marcava 107 quilômetros por hora. Uma lanterna quebrada? Passava das 4 da manhã; talvez os policiais estivessem simplesmente entediados.

Kevin reduziu e parou no acostamento. Bocejou e se espreguiçou, depois ligou a luz interna e abaixou o vidro. Faltava uma semana para o Dia de Ação de Graças, e o ar frio estava gostoso.

O guarda rodoviário de meia-idade tinha uma aparência esbelta e selvagem. O uniforme estava irretocável, e o chapéu escondia os olhos.

— O senhor sabe por que foi parado?

— Não, senhor.

— Desça da cabine, por favor.

Devia ser uma lanterna quebrada. Alguns policiais gostavam de esfregar isso na cara. Kevin tirou a habilitação da carteira, pegou o manifesto e o documento do veículo, depois abriu a porta e saiu. Um segundo guarda rodoviário juntou-se ao primeiro.

— Mãos para cima, por favor.

— Claro — respondeu Kevin ao entregar a papelada. — O que eu fiz, seu guarda?

O policial ergueu a habilitação e ligou uma lanterna.

— Senhor... Temple.

— Sim, senhor.

— Cleveland é seu destino na noite de hoje?

— Sim, senhor.

— Faz esse trajeto regularmente?

— Duas a três vezes por semana.

— E o senhor é um esquisito?

— Hã?

— O senhor é um anormal? — perguntou o guarda.

— O que o senhor... por que se importa?

— Apenas responda à pergunta. O senhor é um anormal?

Foi um daqueles momentos em que ele sabia o que *deveria* fazer, naquela visão idealizada de mundo. Kevin deveria se recusar a responder. Deveria fazer um discurso sobre como aquela pergunta violava seus direitos civis. Deveria mandar aquele guarda racista calar a boca idiota e parar de dizer em voz alta uma palavra como “esquisito”.

Mas eram quatro horas da manhã, a estrada estava vazia, ele estava cansado, e às vezes o que se *deveria* fazer era sobrepujado pelo que se estava *disposto* a fazer. Assim sendo, Kevin conformou-se em colocar um pouco de arrogância na voz ao responder:

— Não, não sou um brilhante.

O guarda rodoviário o encarou por um instante e, em seguida, ergueu a lanterna. Kevin fez uma careta de dor, pestanejou e disse:

— Ei, opa, eu não consigo enxergar.

— Eu sei.

Houve um movimento em sua visão periférica quando o outro policial ergueu um dispositivo que soltava faíscas azuis e acertou Kevin Temple bem no peito. Todos os músculos travaram ao mesmo tempo, e ele ouviu algo como um grito sair da boca; estrelas espocaram em sua visão enquanto garras se fincaram nas costelas.

Quando a dor finalmente passou, Kevin desmoronou. Os pensamentos lhe escapavam, e ele teve dificuldade para entender o que acabara de acontecer. O chão estava frio. E em movimento. Não, ele estava em movimento, sendo arrastado. Suas mãos estavam para trás, e algo as prendia.

Então um líquido bateu em seu rosto. O frio fez Kevin arfar e engolir um pouco do fluido. Era horrível. Uma substância química pungente que ele nunca provara antes, mas da qual sentira o cheiro milhares de vezes, e foi então que o pânico varreu os últimos vestígios de dor, porque Kevin estava algemado no acostamento da estrada e alguém jogava gasolina sobre ele.

— Ai, Deus, por favor, por favor, não, por favor, não...

— Shh. — O guarda de aparência feroz ficou de cócoras ao lado de Kevin. O parceiro levantou o galão de gasolina e andou para trás, formando um rastro. — Silêncio agora.

— Por favor, seu guarda, por favor...

— Eu não sou um policial, Sr. Temple. Sou... — Ele hesitou. — Acho que é possível dizer que sou um soldado. No exército de Darwin.

— Eu faço o que o senhor quiser, eu tenho um pouco de dinheiro, o senhor pode ficar com tudo...

— Calado, ok? Apenas preste atenção. — A voz do homem era firme, mas não severa. — Está prestando atenção?

Kevin concordou com a cabeça freneticamente. O cheiro de gasolina estava por toda parte, incomodava o nariz, ardia os olhos, gelava as mãos e o rosto.

— Quero que saiba que não é porque o senhor é um normal. E lamento sinceramente que a gente tenha que fazer as coisas dessa maneira. Mas, em uma guerra, não existe testemunha inocente. — Por um momento, pareceu que o homem acrescentaria mais uma coisa, porém ele simplesmente se levantou.

O medo mais puro que Kevin Temple conheceu na vida tomou conta dele, expulsou-o de si mesmo, apoderou-se do que restara. Kevin quis chorar, implorar, berrar, correr, mas não conseguiu encontrar nenhuma palavra; os dentes batiam, os braços estavam travados, as pernas, molengas.

— Se serve de consolo, o senhor faz parte de algo maior agora. Uma parte essencial do plano.

O soldado riscou o fósforo na lateral da caixa, uma, duas vezes. A chama acendeu e brilhou. A luz amarela intensa refletiu nos olhos dele.

— É assim que construímos um mundo melhor.

Então soltou o fósforo.

TRÊS SEMANAS ANTES

CAPÍTULO 1

De braços abertos e mãos vazias, superconsciente de quantas armas estavam apontadas para ele, Cooper pensava sobre todas as maneiras pelas quais a situação não saíra como planejada.

Tinha sido um mês agitado. Um ano agitado. Cooper passara metade do tempo escondido, longe dos filhos, caçado como o homem mais procurado dos Estados Unidos. Mas, quando encontrou John Smith, Cooper descobriu que tudo em que acreditava se baseara em mentiras. Que sua agência não era apenas secreta — era corrupta, liderada por um homem que fomentava uma guerra para o próprio proveito.

O resultado daquela descoberta foi sangrento e dramático, especialmente para o chefe. E as semanas desde então foram divididas entre limpar a sujeira e recuperar o contato com os filhos.

Mas o dia de hoje deveria ter sido calmo. A ex-esposa, Natalie, levou os filhos para visitar a mãe dela. Cooper não tinha reuniões, nenhum detalhe para cuidar, e, no momento, nenhum emprego. Planejava ir à academia e depois sair para almoçar. A seguir, talvez passar a tarde em uma cafeteria, perdido em um livro. Improvisar o jantar, abrir uma garrafa de bourbon, ler, beber e dormir cedo. Dormir dez horas seguidas pelo simples fato de poder se dar ao luxo disso.

Ele só conseguiu chegar ao almoço.

Era uma birosca árabe que Cooper adorava, com sopa de lentilha e sanduíche de falafel. Ele estava sentado em um banco na vitrine, com o sol fraco de novembro refletido nos talheres, e jogava molho de pimenta na sopa quando percebeu que não estava sozinho.

Aconteceu simplesmente do nada. Em um momento, o banco ao lado estava vazio; no seguinte, lá estava ela. Como se tivesse sido formada pela luz do sol.

Shannon estava linda. Não linda do tipo *sarada e saudável*, mas linda do tipo *que faz um homem pensar em sacanagem*: uma blusa preta justa que deixava os ombros de fora, cabelo caído por cima da orelha, lábios em um meio sorriso.

— Oi — disse ela. — Sentiu a minha falta?

Ele se recostou e encarou Shannon.

— Sabe, quando eu te chamei para sair, pretendia que fosse em breve. Não um mês depois.

— Eu tive que cuidar de algumas coisas.

Cooper captou Shannon; não apenas as palavras, mas a tensão sutil nos músculos do trapézio, a olhadela ao redor que os olhos quiseram dar, mas não deram, o estado de alerta com que ela observou o ambiente. *Ainda um soldado, e em dúvida se você está do mesmo lado*. O que era justo. Ele também estava em dúvida.

— Certo.

— Não é que eu não confie...

— Eu entendi.

— Obrigada.

— Mas você está aqui, agora.

— Estou aqui, agora. — Ela se inclinou para se servir da metade do sanduíche de Cooper. — Então, Nick. O que faremos hoje?

A resposta, como se revelou mais tarde, era perfeitamente óbvia para os dois, e eles passaram a tarde derrubando retratos das paredes do apartamento de Cooper. Curioso; aquela era apenas a segunda vez que eles transavam — e a terceira e quase quarta —, mas os dois fica-

vam à vontade de uma maneira espontânea que normalmente exigia uma grande intimidade. Talvez fosse porque Cooper pensou nela o mês inteiro, à espera de que aparecesse, e a expectativa tivesse sido parecida com estar juntos.

Ou talvez fosse apenas porque o relacionamento dos dois já tinha complicações o suficiente. Ele era um anormal que passara a carreira caçando outros anormais para o governo. Ela era uma revolucionária cujos métodos beiravam o terrorismo. Ora, diabos, no dia em que os dois se conheceram, Shannon apontou uma arma para Cooper, e aquela não tinha sido a última vez.

Por outro lado, ela também salvou a vida de seus filhos e ajudou a derrubar um presidente.

Como o principal agente do Departamento de Análise e Reação, Cooper fez carreira interceptando terroristas, geralmente antes que atacassem. Mas o que escapou dele — que escapou do país inteiro — era também o mais perigoso. John Smith era um líder carismático e um gênio estratégico. Além disso, tinha sido culpado pelo massacre de incontáveis inocentes.

Após um ataque especialmente assustador que custou mais de mil vidas, Cooper participou de uma missão secreta para encontrar Smith. Foi naquela ocasião em que ele e Shannon se conheceram, primeiro, como inimigos mortais, depois, como companheiros relutantes, e, por fim, amantes. Mas quando Cooper finalmente localizou Smith, o homem abriu seus olhos para uma verdade assustadora — o verdadeiro monstro era o mentor de Cooper, Drew Peters. A prova estava em um vídeo em que Peters e o presidente dos Estados Unidos planejavam um massacre em um famoso restaurante do Capitólio. Foi uma manobra política, uma maneira de polarizar o país e colocar mais poder nas mãos do governo. Ao pôr a culpa do ataque em terroristas anormais, Peters e pessoas como ele ganharam enorme poder para controlar e até mesmo assassinar brilhantes.

E o preço foi apenas as vidas de 73 pessoas inocentes, seis delas, crianças.

Depois que Cooper descobriu a verdade, Drew Peters sequestrou seus filhos e a ex-esposa como garantia. Shannon ajudou Cooper a resgatá-los. Ele não tinha dúvida alguma de que, sem ela, os filhos estariam mortos.

Então, sim, era complicado. Ele e Shannon eram como aqueles diagramas de círculos sobrepostos. Partes dos dois poderiam estar sempre afastadas, mas a interseção no meio, uau.

Não obstante, o sexo tinha sido ótimo, o banho tinha sido ótimo, o sexo no banho tinha sido ótimo. A conversa foi tranquila. Ela atualizara Cooper sobre seu último mês, passado na Comunidade de Nova Canaã, no Wyoming, onde os anormais tentavam construir um mundo novo. Contou como estava a mentalidade lá, que as pessoas estavam ficando preocupadas. Falavam sobre a identificação marcada para começar no próximo verão, o plano do governo de implantar um dispositivo de rastreamento na artéria carótida de todos os anormais dos Estados Unidos. Começando com brilhantes do primeiro escalão tipo Shannon. Tipo ele.

Até onde era possível saber, o fenômeno anormal começou no início de 1980, embora não tivesse sido detectado até 1986, quando um estudo científico revelou que, por razões desconhecidas, um por cento de todas as crianças nasceram “brilhantes”, dotadas de habilidades prodigiosas. Esses dons se manifestavam de diversas formas; a maioria era impressionante, mas inofensiva, como a capacidade de multiplicar números grandes ou tocar perfeitamente uma canção ouvida apenas uma vez.

Outros mudavam o mundo. Como John Smith, cujo dom estratégico o permitiu derrotar três grão-mestres de xadrez simultaneamente — com 14 anos.

Como Erik Epstein, cujo talento para análise de dados lhe valeu uma fortuna pessoal de 300 bilhões de dólares e provocou o fechamento de mercados financeiros globais.

Como Shannon, que podia sentir os vetores do mundo ao redor, de forma que fosse capaz de andar sem ser vista, apenas por estar onde ninguém está olhando.

O de Cooper era reconhecer padrões nas pessoas. Uma espécie de intuição turbinada. Ele podia captar expressões corporais, saber o que alguém estaria prestes a fazer através de movimentos de músculos subcutâneos. Era capaz de examinar o apartamento de um alvo e, baseado nos livros que a pessoa leu, na forma como organizou o closet e no que deixava sobre a mesa de cabeceira, ter uma boa noção do lugar para onde ela tentaria fugir. O dom o tornou um caçador excepcional, mas com um preço. As coisas que Cooper tinha visto o atormentavam. Era irônico ser um soldado de elite desesperado para prevenir a guerra.

Você não é mais um soldado. E a guerra não é sua.

Esse era o mantra que ele vinha repetindo havia um mês. Mas a repetição não fez com que parecesse verdade.

— Eles interrogaram você? — Os dois estavam no sofá naquele momento, nus e doloridos, embaixo de um cobertor. Shannon estava com a cabeça no ombro de Cooper, e uma das mãos brincava com o pelo no peito dele. — Sua antiga agência?

— Sim.

— O que você contou sobre Peters?

— Eles não perguntaram.

— Sério? O diretor de uma divisão do DAR pula de um prédio de doze andares, e eles estão dispostos a considerar águas passadas?

— Tenho certeza de que eles sabem que fui eu. Mas Quinn cuidou disso. — O velho parceiro de Cooper tinha sido o terceiro integrante da equipe naquela noite. Quinn tomara conta da central de segurança do prédio e apagara todos os traços da presença deles. — Se houvesse provas explícitas, o DAR não teria escolha. Mas, sem provas, eles preferiram evitar o escândalo no momento. Até mesmo me ofereceram o antigo emprego de volta. — Cooper sentiu Shannon ficar tensa. — Relaxe, eu recusei.

— Então você está desempregado?

— Estamos chamando de licença para tratar de assuntos pessoais. Tecnicamente, eu ainda sou um agente do governo, mas já fiz o

suficiente por Deus e pela pátria. Preciso de um tempo para resolver as coisas.

Shannon assentiu. O dom de Cooper, nunca desligado, nunca sob controle, colocou um pensamento em sua mente. *Ela tem algo para perguntar a você. Há um plano além desse encontro.*

Mas quando Shannon falou, tudo que perguntou foi:

— Como estão seus filhos?

— Fantásticos. Ambos tiveram pesadelos por um tempo, mas são tão fortes que parece que superamos o que aconteceu. Kate está numa fase nudista, não para de tirar a roupa e correr pela casa dando risinhos. E Todd decidiu que quer ser presidente quando crescer. Diz que, se o último fez aquelas coisas, nós precisamos de um melhor.

— Eu voto nele.

— Eu também.

— E Natalie? — perguntou Shannon, muito casualmente.

— Vai bem. — Cooper era esperto o suficiente para parar por aí.

Mais tarde, eles saíram para dar uma volta. Era a hora mágica, quando o sol está prestes a se pôr e a luz vem de todos os lados ao mesmo tempo. Havia sido um outono ameno; as árvores eram uma profusão de cores que começaram a desfolhar apenas na semana anterior. Tempo mais fresco, folhas estalando embaixo dos sapatos, bochechas rosadas e a mão dela quente na dele. Washington no outono... havia algo melhor? Eles passearam no parque National Mall, passaram pelo espelho d'água, o Reflecting Pool.

— Então, quanto tempo você vai ficar aqui?

— Não tenho certeza — respondeu Shannon. — Talvez algum tempo.

— Fazendo o quê?

— Coisas.

— Ah. Mais coisas.

— A situação está piorando, Cooper. Aquela guerra com a qual você sempre se preocupa está mais próxima do que nunca. A maioria das pessoas, normais ou anormais, só quer conviver, mas os extre-

mistas estão forçando todo mundo a escolher um lado. Você sabia que, na Libéria, eles começaram a abandonar bebês com marcas de nascença? Acreditam que seja um sinal dos superdotados, então simplesmente se livram dos bebês. No México, os brilhantes tomaram os cartéis e os estão usando contra o governo. Exércitos privados comandados por tiranos anormais e financiados por dinheiro do tráfico.

— Eu assisto ao noticiário, Shannon.

— Sem falar que há grupos paramilitares de direita surgindo por todo o país. É a volta da Ku Klux Klan. Semana passada, em Oklahoma, um grupo de banais sequestrou um anormal, amarrou-o na pica-pe e arrastou por um campo. Sabe que idade eles tinham?

— Dezesseis anos.

— Dezesseis anos. Bombas em escolas na Geórgia. Microchips implantados na garganta das pessoas. Senadores na CNN falando sobre expandir as academias para incluir crianças do segundo escalão e até mesmo do terceiro.

Cooper deu as costas, andou até um banco e se sentou. Os pilares do Memorial Lincoln emitiam um brilho branco sob a luz dos refletores, e os degraus ainda estavam lotados de turistas. Ao longe, ele não conseguia ver a estátua, mas podia imaginá-la: Abe, o Honesto, absorto nos pensamentos, avaliando os problemas que ameaçavam dividir sua União.

— Cooper, estou falando sério...

— Que pena.

— O quê?

— Eu meio que esperava que você tivesse vindo me ver.

Shannon abriu e fechou a boca.

— Então, o que John quer? — perguntou Cooper.

— Como você...

— Suas pupilas se dilataram, um sinal de concentração, e você deu uma olhadela para a esquerda, o que indica memória. Sua pulsação ficou dez batidas mais rápida. Você fez uma lista de horrores,

o que é fácil, mas citou-a em ordem geográfica, do mais distante ao mais próximo, o que é improvável que aconteça ao acaso. E me chamou de Cooper, em vez de Nick.

— Eu...

— O argumento inteiro foi memorizado. O que significa que você está tentando me convencer de alguma coisa. O que significa que *ele* está tentando me convencer de alguma coisa. Então, vamos ouvir.

Shannon encarou-o, mordendo o canto do lábio. Então se sentou ao lado dele.

— Desculpe, eu realmente vim aqui por sua causa. Isso foi uma coisa separada.

— Eu sei. É o que John Smith faz. Ele veste os objetivos com planos e embrulha os planos em esquemas. Eu entendo. O que ele quer?

Ela falou sem olhar para Cooper.

— As coisas mudaram desde que John foi exonerado. Você sabe, ele escreveu um livro.

— *Eu sou John Smith*. Ele realmente se esforçou no título.

— John é uma figura pública agora, dá palestras e fala com a mídia.

— Sim. — Cooper apertou a ponte do nariz. — E o que isso tem a ver comigo?

— John quer que você se junte a ele. Imagine como isso seria irresistível: Smith e o homem que antigamente o caçava, trabalhando juntos para mudar o mundo.

Cooper olhou para a claridade cada vez mais fraca, para as pessoas subindo os degraus do memorial. Ele ficava aberto 24 horas por dia, o que ele sempre considerou comovente.

— Eu sei que você não confia em John — falou Shannon baixinho. — Mas também sabe que ele é inocente. Você provou sua inocência.

Não foi apenas Lincoln, tampouco. Martin Luther King Jr. esteve naqueles degraus e falou para o mundo sobre o sonho que teve. E agora qualquer um podia ir ali, a qualquer hora do dia, da aristocracia ao cara que esvazia a lata de lixo...

A postura do lixeiro é rígida, o cabelo curto é típico de um agente secreto, e ele está esvaziando aquela lata há muito tempo.

Enquanto recolhe o lixo, o lixeiro olha para todos os lugares, menos para a direita... onde um executivo fala ao celular. Um celular com uma tela preta. Um executivo com um volume embaixo do braço.

E esse som que você está ouvindo é o giro de um motor de alta cilindrada.

... e todo mundo é bem-vindo.

Cooper voltou-se para Shannon.

— Primeiro, John é tão inocente quanto Genghis Khan. Ele pode não ter feito as coisas de que o acusaram, mas está sujo de sangue até os cotovelos. Segundo, saia daqui.

Ela era uma profissional e não fez nenhum movimento brusco, apenas observou o espaço como se apreciasse a vista. Cooper notou a sutil tensão na postura de Shannon quando ela viu o lixeiro.

— Unidos, nós somos melhores.

— Não — disse ele. — Eu ainda sou um agente do governo. Fiquei bem. Você é uma criminoso procurada. Faça seu truque. Atravesse paredes.

O som ficou mais alto, motores vindo de várias direções. SUVs, provavelmente. Ele deu uma olhadela para trás e se virou para ela.

— Preste atenção, estou falando sério...

Shannon tinha ido embora.

Cooper sorriu e balançou a cabeça. Aquele truque nunca cansava.

Ele ficou de pé, tirou o casaco e a carteira do bolso, e pôs os dois no chão. Depois se afastou e ergueu os braços com as mãos vazias.

Eles eram bons. Quatro Escalades com vidros escuros chegaram ao mesmo tempo, vindo de quatro direções diferentes, um ataque surpresa com coreografia de cinema. As portas se escancararam, e homens emergiram com precisão ensaiada e se debruçaram sobre os capôs com fuzis automáticos. Havia facilmente vinte homens, muito bem distribuídos e com visadas perfeitas.

A boa notícia é que aquela equipe era tão evidentemente profissional e operava com tanta impunidade que era praticamente garantido que fosse do governo. A má notícia é que havia muita gente no governo que queria vê-lo morto.

Bem, é isso aí. Mantendo as mãos espalmadas, ele berrou:

— Meu nome é Nick Cooper. Sou um agente do Departamento de Análise e Reação. Estou desarmado. A identificação está na carteira, no chão.

Um homem de terno saiu do banco de trás de uma das SUVs. Ele cruzou o círculo e, conforme o sujeito andava, Cooper notou que as armas agora giravam para cobrir outras direções.

— Sabemos quem é o senhor.

O agente se abaixou, pegou o casaco e a carteira de Cooper, e os devolveu. A seguir, falou, enunciando claramente cada palavra em um microfone.

— Área segura.

Uma limusine deu a volta no círculo. Subiu no meio-fio, passou por dois carros e parou diante dos dois homens. Um agente abriu a porta.

Com ar de indiferença, Cooper entrou. O carro tinha cheiro de couro e abrigava dois ocupantes. O primeiro era uma mulher elegante de 50 e poucos anos, com olhar sério e uma aura de competência intensa. O outro era um homem negro com a aparência de um professor de Harvard ... o que, na verdade, ele costumava ser.

Hum. E você pensou que o dia estava tomando um rumo diferente antes.

— Olá, Sr. Cooper. Posso chamá-lo de Nick?

— É claro, Sr. Presidente.



— Peço desculpas pela maneira um tanto quanto dramática que esse encontro aconteceu. Estamos um pouco tensos hoje em dia. — Lio-

nel Clay tinha a voz de um palestrante, forte e grave, e exalava erudição, com um sotaque da Carolina do Sul.

É uma maneira educada de dizer. Conforme os superdotados continuavam a dominar todos os campos, do atletismo à zoologia, as pessoas normais ficavam cada vez mais nervosas. Não era difícil imaginar um mundo dividido em duas classes como algo criado por H. G. Wells, e ninguém queria ser um morlock. Por outro lado, os mais extremistas dos superdotados não lutavam por simples igualdade — eles acreditavam que eram superiores e estavam dispostos a matar para provar. O país tinha se acostumado ao terrorismo, a homens-bomba em shoppings e veneno enviado por correio a senadores. O pior de tudo tinham sido os ataques de 12 de março: 1.143 pessoas morreram quando os terroristas explodiram a bolsa de valores em Manhattan. Cooper estivera lá, andara a esmo pelas ruas cinzentas destruídas, atordoado. Às vezes, ainda sonhava com o bichinho de pelúcia cor-de-rosa abandonado em um cruzamento da Broadway. *Estamos mais do que tensos — estamos assustados pra cacete.* Mas o que Cooper disse foi:

— Eu compreendo, senhor.

— Essa é a minha chefe de gabinete, Marla Keevers.

— Sra. Keevers.

Embora Cooper tivesse sido um agente do governo por onze anos, política jamais fora seu forte; ainda assim, até ele conhecia Marla Keevers. Uma mediadora política durona, uma negociadora de bastidores com reputação de feroz.

— Sr. Cooper.

O presidente bateu os nós dos dedos na divisória, e a limusine entrou em movimento.

— Marla?

— Sr. Cooper, foi o senhor quem divulgou o vídeo do Monocle?
— perguntou a chefe de gabinete.

Bem, lá se foram as preliminares.

Ele se recordou da noite em questão. Após Shannon ter libertado seus filhos, Cooper perseguiu o antigo chefe até o telhado. Ele recu-

perou o vídeo de Drew Peters conspirando com o presidente Walker e depois atirou o mentor do alto do prédio de doze andares.

Aquilo fez Cooper se sentir bem.

Em seguida, sentou-se em um banco não muito longe dali e decidiu o que fazer com o vídeo. O massacre no restaurante Monocle tinha sido o primeiro e mais incendiário passo para dividir o país: não era o Norte contra o Sul, não era liberal contra conservador, mas sim, normal contra anormal. Revelar a verdade sobre aquele atentado pareceu a coisa certa a ser feita, mesmo que Cooper soubesse que haveria consequências fora de seu controle.

O que foi que Drew disse logo antes do fim? *“Se você fizer isso, o mundo vai pegar fogo.”*

O presidente Clay o observava. Era um teste, percebeu Cooper.

— Sim, fui eu.

— Foi uma decisão muito imprudente. Meu antecessor pode não ter sido um bom homem, mas era o presidente. O senhor enfraqueceu a fé da nação no cargo. No governo como um todo.

— Senhor, perdoe-me a franqueza, mas foi o presidente Walker quem enfraqueceu a fé da nação quando ordenou o assassinato de cidadãos americanos. Tudo que eu fiz foi contar a verdade.

— A verdade é um conceito escorregadio.

— Não, a grande qualidade da verdade é que ela é verdadeira. — Um pouco do velho tom antiautoridade se manifestou, e Cooper se deteve. — Senhor.

Keevers balançou a cabeça e olhou pela janela.

— O que você anda fazendo hoje em dia, Nick? — perguntou Clay.

— Estou de licença pelo DAR.

— Planeja voltar?

— Não tenho certeza.

— Venha trabalhar para mim. Consultor especial do presidente. O que acha?

Se Cooper tivesse listado uma centena de coisas que o presidente dos Estados Unidos poderia ter dito para ele, essa não teria entrado na seleção. Ele se deu conta de que sua boca estava aberta e a fechou.

— Acho que o senhor talvez esteja mal informado. Eu não sei nada sobre governar.

— Vamos falar francamente, que tal? — Clay encarou Cooper com um olhar firme. — Walker meteu os pés pelas mãos. Ele e o diretor Peters transformaram o DAR, que poderia ter sido nossa melhor esperança para um futuro pacífico, em uma agência de espionagem particular para benefício próprio. Concorda?

— Eu... Sim. Senhor.

— Você mesmo matou mais de uma dezena de pessoas e vazou informação altamente confidencial.

Cooper concordou com a cabeça.

— E, no entanto, durante toda aquela catástrofe, você foi a única pessoa que agiu de maneira correta.

Keevers franziu os lábios, mas não disse nada. O presidente se inclinou para a frente.

— Nick, as coisas estão piorando. Estamos à beira do precipício. Há normais que querem aprisionar ou até mesmo escravizar os brilhantes. Há anormais que defendem o genocídio de todos os normais. Uma nova guerra civil que pode fazer a última parecer uma pequena escaramuça. Eu preciso de ajuda para evitá-la.

— Senhor, fico lisonjeado, mas eu realmente não entendo nada de política.

— Eu tenho consultores políticos. O que eu não tenho é a opinião em primeira mão de um anormal que dedicou a vida a caçar anormais revolucionários. Além do mais, você provou que fará o que acredita ser o certo, não importa o preço. Esse é o tipo de consultor de que preciso.

Cooper olhou fixamente para a frente e fez esforço para se lembrar do que sabia sobre o presidente. Professor de história em Harvard, depois senador. Ele tinha uma vaga lembrança de um artigo

que havia lido, uma reportagem que indicava o verdadeiro motivo de Clay ter sido escolhido como vice-presidente: matemática eleitoral. Como negro da Carolina do Sul, ele mobilizou tanto o voto sulista quanto o afroamericano.

Meu Deus, Cooper. Uma vaga lembrança de um artigo? Isso já mostra se seu lugar é nesse carro ou não.

— Lamento, senhor. Realmente agradeço a oferta, mas não acho que eu seja o homem para o cargo.

— Você não entendeu direito — disse Clay com gentileza. — Seu país precisa de você. Eu não estou pedindo.

Cooper olhou para...

A postura e a expressão corporal de Clay estão em perfeita sintonia com as palavras.

Isso não é uma jogada de relações públicas ou uma maneira de calar você.

E tudo o que ele disse sobre o estado do mundo está correto.

... o novo chefe.

— Nesse caso, senhor, estou à disposição do presidente.

— Ótimo. O que sabe a respeito de um grupo chamado Filhos de Darwin?